

António Manuel Couraceiro

ESCREVO PARA VÓS



O sonho continua

Há mais de uma década tive a oportunidade de contribuir para a realização de um sonho que alguém transportava consigo havia muitos anos. Alguém que eu conhecia bem e considerava um operário de palavras simples mas sentidas e com sentido. Era um poeta, daqueles que muitos, por pudor e uma forte dose de elitismo, chamam “popular”. Como se a palavra não dissesse tudo. Popular é o que vem do povo e haverá lá maior orgulho do que ser Povo!

O sonho era de António Couraceiro e nem sequer podia ser considerado impossível. Afinal tratava-se apenas de colocar no papel as palavras que há longos anos transportava, juntar as folhas, colocar-lhes uma capa e aí estava o livro que fazia falta para que outros pudessem voar pelo seu pensamento. Em 2002 saiu “*A minha mensagem*” e foi apenas o primeiro passo. E como um sonho nunca anda só, em 2008 saiu “*Pensamentos de um Poeta*”. Já não era só um sonho, era a obrigação e a responsabilidade de passar para o outro lado, o nosso, de leitores, aquilo que vai na alma, as alegrias e as esperanças, as tristezas, os desencantos e até os medos perante as vidas e os mundos que fazem de cada ser humano algo que é único e da poesia a arte de espelhar o imaginário de cada momento.

António Couraceiro transporta consigo esse mundo de sonhos, de memórias, de formas de estar na vida, de preocupações e de reflexões e é tudo isso que encontramos nesta sua terceira aventura poética.

Embora com um número mais reduzido de poemas (e já veremos porquê), pois conta apenas com três dezenas (as duas publicações anteriores, por ordem de saída, tiveram trinta e nove e sessenta, respetivamente) o conjunto continua a permitir uma identificação das temáticas mais relevantes para o autor: a fé católica nos seus variados aspetos, o apego à terra natal e a

reflexão em torno da vida pessoal e coletiva. Nesta última vertente são evidentes as memórias relacionadas com os Bombeiros Voluntários e a partir daí as vivências, as pessoas e as preocupações ambientais e ainda, numa perspetiva mais global, o desencanto pelo rumo da sociedade.

Nestes trinta poemas a construção em quadra continua a definir a opção do poeta, sem preocupações objetivas de métrica, mas mantendo quase sempre um estilo, que diríamos empírico, de musicalidade textual. É neste pormenor que reside a verdadeira mestria da linguagem popular: escrever em quatro versos uma ideia que se pode separar e vale por si mesma, ou juntar a outras para enriquecer o discurso, mas dar-lhe uma configuração frásica como se fosse um pensamento corrido em que as vírgulas são substituídas pela mudança de linha! É genial esta arte da escrita e bem lhe podem chamar “*popular*”, que nada lhe beliscará o mérito.

Para além da quadra, o poeta utiliza a sextilha (não lhe conhecemos outros tipos de formação) mas de uma forma muito particular. Na sua obra e esta que agora se publica não é exceção, as sextilhas são, no fundo, quadras acrescentadas de dois versos, ou seja, nos primeiros quatro expressa-se a ideia ou intenção e nos dois últimos apresenta-se a conclusão, a sugestão ou a opinião. Este modelo de sextilha não é muito vulgar, pois o habitual é que os seis versos permitam melhor desenvolvimento da ideia, fugindo ao “*aperto*” da quadra, que exige a conclusão pelo menos no quarto verso. E como se esta particularidade não fosse suficiente o autor acrescenta-lhe uma sequência de rima também pouco vulgar, baseada quase invariavelmente no aa-b-cc-b, que é como quem diz, não há versos “*órfãos*”, o que exige um redobrado esforço de procura das palavras sem quebra da ideia nem prejuízo da conclusão. Para quem pensa que a tal “*poesia popular*” é uma expressão menor do sentimento poético que existe dentro de cada um de nós, aqui ficam alguns desafios...

Dizíamos anteriormente que este livro tem menos poemas do que os anteriores, e é verdade. Mas traz consigo uma nova ex-

periência de escrita, o conto!

Com efeito, no final apresenta-se “*O vinho mata*”, uma tragédia, na definição do autor, um conto, na nossa, pois tem todos os ingredientes deste género literário que, em certa medida, nos atrevemos a colocar entre o poema e o romance.

Introdução, desenvolvimento e conclusão, assim se classificam os momentos de um conto. Poderemos acrescentar que a narrativa não deve ser longa, mas há de obrigatoriamente de conter alguma dose de indefinição do desfecho durante o desenvolvimento, desfecho esse que pode ser feliz ou infeliz.

Em o “*Vinho mata*”, escrito de forma a proporcionar a sua apresentação teatral (e daí o autor lhe chamar tragédia) estão todos os ingredientes de um conto e a sua estrutura revela uma faceta nova de António Couraceiro que bem gostaríamos de ver explanada noutras histórias que certamente já anda a trabalhar.

Mais do que efetuar uma crítica literária, a nossa intenção foi dar um contributo para que melhor se perceba a importância do conjunto da obra do autor e em particular desta que agora sai a público. Esperamos ter conseguido isso, como esperamos que António Couraceiro continue a enriquecer o nosso património literário com a sua poesia, com os seus contos e quem sabe?... Afinal, o sonho continua!

Francisco José Lopes

Junho de 2015

António Couraceiro: Um poeta popular

Este é já o terceiro livro do autor publicado pela Câmara Municipal, sendo António Couraceiro um poeta popular que escreve facilmente sobre os vários temas do dia-a-dia e sobre a sua vila de Alfândega da Fé, onde nasceu há muitos anos atrás.

Podemos ver nestes temas a sua posição sobre vários aspectos da vida, temas históricos e conselhos sobre como viver de uma forma harmoniosa e de acordo com as regras de vida em sociedade. O respeito, a dignidade, o amor, a família, a rejeição da violência, da falta de responsabilidade, são alguns dos valores que perpassam nos poemas que agora se publicam.

O amor à sua terra, a linda vila de Alfândega da Fé, e à sua história heróica (a guerra dos cristãos contra os mouros) também são cantadas nestes poemas: Alfândega da Fé princesa ... és a vila portuguesa, mais linda ... - canta o poeta, que do alto do miradouro do Castelo descreve toda a vista das freguesias do concelho, sem esquecer nenhuma.

A evolução do estatuto da mulher e as mudanças nesta matéria também não são esquecidas neste livro, desde quando “iam água à fonte e a lavar no rio” até aos dias de hoje, em que a mulher “para além de ser mulher pode ser o que quiser, até grande magistrada!” o caminho foi longo e o poeta recorda esta evolução que testemunhou ao longo da sua vida.

Além da sua profissão e do trabalho como agricultor ainda arranjou tempo para ser bombeiro voluntário e no poema “Não há floresta que pague uma vida” escreve sobre o lema dos bombeiros “vida por vida”; arriscar a vida para salvar outra vida, segundo o poeta.

Também escreve neste livro sobre temas religiosos: Jesus, o pecado e o perdão, o Natal e as suas reflexões sobre estes temas.

Acaba o livro com um texto sobre o álcool e a violência doméstica, dois temas ligados na cultura popular em que

tradicionalmente o homem ia para a taberna beber com os amigos e quando chegava a casa maltratava a mulher. Condena essa violência e mostra que as consequências são trágicas para todos os envolvidos e que a morte da mulher pelo homem não tem perdão.

Longa vida ao poeta e que continue a olhar a vida através dos poemas.

Berta Nunes

Presidente da Câmara de Alfândega da Fé

Introdução

I

Mais um livro que lancei
Veio-me encher de alegria
A história que contei
Junto com a poesia

II

O conto nasceu de um sonho
Parece que estou a sonhar
Foi um pensamento medonho
Que me atrevi a contar.

III

Não desanimo à primeira
Há quanto tempo eu escrevi
Anda-se uma vida inteira
Até que o sol nos sorri.

IV

Do coração agradeço
À Câmara Municipal
Este favor não esqueço
Foi bom presente afinal.

Homenagem ao comandante Jeremias

I

Trinta anos meu comandante
Recordo impressionante
Ainda me lembro bem
Acatei com tanto gosto
Pois ele exercia o posto
Como nunca vi ninguém.

II

Os Bombeiros de outros lados
Até ficavam pasmados
Com o comandante Jeremias
Por todos era estimado
Quando íamos a qualquer lado
Eram mais pequenos os dias.

III

Homem dos mil afazeres
Mas cumpria os seus deveres
Quando se tratava de Bombeiros
Pois se a Sirene tocava
Ele logo se apresentava
Era sempre dos primeiros.

IV

O Comandante que sabia
Dar valor a quem merecia
Sempre livre de Cadilhos
Coitado quanto sofreu
Nunca a conhecer nos deu
Nós éramos como seus filhos.

V

Era assim que nos estimava
Junto de nós bem estava
Convivia com gente nobre
Mas não calculam vocês
A falta que ele nos fez
Ficou a corporação mais pobre.

VI

Que Deus o tenha em bom lugar
É o que podemos desejar
Recordando todos os dias
Essa pessoa tão querida
Lembraremos toda a vida
O comandante Jeremias.

Ouve o teu padrinho

I

Meu amigo afilhado
Vou falar contigo agora
Vou dar-te um recado
Para guardares vida fora.

II

Que sejas muito feliz
Com a tua linda flor
O que o teu padrinho diz
É dito com muito amor.

III

O Passo que vais a dar
O melhor da tua vida
Deves a mulher estimar
Para nunca a veres perdida.

IV

Não te esqueças de pedir
Para Jesus te proteger
Para a tua vida sorrir
Cada dia sem esquecer.

V

Segura o leme da vida
Que a tua vida destina
A ambição desmedida
Pode levar-te à ruína.

VI

Saúde sorte e amor
Três coisas essenciais
Deus te deu esta flor
Vede lá se a estimais.

VII

Afilhado eu te peço
Põe a família em primeiro
Para seres feliz reconheço
Ela vale mais que o dinheiro.

VIII

Ao vir o primeiro bebé
És Pai nunca te esqueças
Procura aumentar a fé
Deus vai dar-te o que mereças.

IX

Um casal por Deus ligado
Com o enlace do casamento
É um enlace sagrado
Muda a vida cem por cento.

X

Parabéns e felicidades
Desejam os padrinhos teus
Vencerás as contrariedades
Pondo tua fé em Deus.

Jovens parai para pensar

I

O mundo melhor
Vamos construir
Coração de amor
Para este mundo sorrir.

II

Para sermos irmãos
Tendes de ajudar
Apertando as mãos
Num gesto de saudar.

III

Vamos dar as mãos
Dando vida ao povo
Seremos os Jovens
Construtores de um mundo novo.

IV

Vamos dar as mãos
Apertá-las bem
Para que no mundo
Não sofra mais ninguém.

V

Mas só no Natal
É tempo de mudança
O resto do ano
Perdemos a esperança.

VI

Pois se os homens querem
Um mundo melhor
Seremos os Jovens
A repartir nosso amor.

Trabalho

I

Dizer que Deus não dá nada
Nunca te deves queixar
Não deixes parar a enxada
Para nada te faltar.

II

A vida não se governa
Sem trabalhar eu sei bem
No café ou na taberna
Não exploras a terra mãe.

III

Espera que tudo venha
Junto de nós a parar
Seja o pão seja a lenha
Tudo temos de procurar.

IV

Se quiseres que a vida rode
Para sentires alegria
Trabalhar enquanto se pode
Moinho parado não ganha maquia.

V

Quem muito dorme pouco aprende
Lá diz o velho ditado
Quem não semeia não vende
Compra tudo no mercado.

VI

Quem trabalha não enriquece
Quem não faz nada pior
Com calor não apetece
Encher o corpo de suor.

VII

Esse suor é que dá
O sustento para viver
Na terra sabe-se lá
O que a gente pode colher.

VIII

Tudo que nós semeamos
Nada se dá sem tratar
As ervas nós arrancamos
A bicharada a pastar.

IX

Lá anda o agricultor
Seja na horta ou no mato
Fabricando pelo calor
Para vender ao desbarato.

X

O agricultor é como a formiga
Luta sempre para viver
No verão colhe a espiga
Para no inverno comer.

A Juventude de agora

I

A Juventude de agora
Não se compõe nem melhora
Longe de responsabilidades
No interior se vai encontrando
Juventude a lume brando
O pior é na cidade.

II

Juventude no que pensais
Daí alívio aos vossos pais
Fazei-vos homens crescidos
Tomai a responsabilidade
Não useis a liberdade
Com ela estais perdidos.

III

Separai o mal do bem
Não ofendendo ninguém
Ponde em prática o respeito
Respeitar para ser respeitado
Com amigos ter cuidado
Há amigos com grande defeito.

IV

Tem força fuge do mal
Sendo bom jovem afinal
Seres querido e estimado
Escolhe os bons amigos
Que te ajudem nos perigos
Para não seres magoado.

V

Que os olhos de toda a gente
Não te olhem indiferente
É bom cruzar no caminho
Pessoas que nos admiram
Passam por nós e suspiram
Falando-nos com carinho.

VI

Jovem pára de sofrer
Está na hora de converter
De mudar a tua vida
Os caminhos não são iguais
Faz isso pelos teus pais
Pela tua família querida.

Podes ser o que sonhaste

I

Se nunca foste escritor
É agora a tua vez
Escreve a tua vida com amor
Serás um escritor português.

II

Se Miguel Ângelo queres ser
Faz da vida obra de arte
Nunca te deves esquecer
Deixa a tua vida amar-te.

III

Se não cantas muito bem
Faz da vida uma canção
Sentirás alegria também
Se cantares com o coração.

IV

Se não fazes jornalismo
Faz da tua vida uma imagem
Nunca caias no abismo
Faz dela uma reportagem.

V

Se não tens muita cultura
Põe o que tens a brilhar
P'ra saíres da noite escura
Basta o próximo amar.

VI

Se é humilde a tua profissão
Deves sentir felicidade
Uns trabalham outros não
O trabalho é dignidade.

VII

Tens cinquenta anos completos
Não te deixes fraquejar
Continua a fazer projectos
Serás homem exemplar.

VIII

Se as rugas te apareceram
Deves sentir beleza interior
És das pessoas que mereceram
O afeto do Senhor.

IX

Se os teus joelhos sangraram
Na vida aparecem espinhos
Os teus passos se consagraram
Quando Deus te deu carinhos.

X

Se música não aprendeste
Cantarolaste no dia-a-dia
Todo bem que tu fizeste
Foi p'ra Deus uma sinfonia.

A primavera da vida

I

Primavera da juventude
Temos de tomar atitude
Se queremos vivê-la bem
Para a primavera sorrir
Temos de escutar e ouvir
Conselhos de Pai e de Mãe.

II

Aos doze anos começa
O tempo corre depressa
Ao chegar aos vinte e cinco
É a primavera da vida
Só pode ser bem vivida
É nessa altura que eu brinco.

III

A brincadeira é linda
Será mais linda ainda
Brincando com seriedade
Sentiremos que os amigos
Nunca nos darão castigos
Primavera de amizade.

IV

Se queres viver a Primavera
Tens de ter alma sincera
Ficam boas recordações
As amizades leais
São a alegria dos pais
E de tantos corações.

V

Podemos viver a Primavera
Tendo sempre à nossa espera
A pessoa com quem sonhamos
Se ouvirmos nossos pais
A primavera é demais
Ter nos braços quem amamos.

VI

Tendo uma alma sincera
Viveremos a primavera
Se evitarmos as asneiras
Fugindo aos maus caminhos
Só encontramos carinhos
Primavera sem fronteiras.

Mãos criminosas

I

O mundo está perdido
Podemos perder o sentido
Disto ser um mar de rosas
Este planeta está no fim
Vai ser destruído assim
Porque há mãos criminosas.

II

Se quereis esta terra de volta
Acusai o culpado à solta
Para a paisagem sorrir
Deixou a floresta de luto
Queimando o valioso produto
É o prazer de destruir.

III

Era tão linda toda a terra
Antes desta maldita guerra
Das chamas e tudo arder
Era como um paraíso
A paisagem tinha um sorriso
Que o fogo lhe fez perder.

IV

Vai arder toda a planta
Que a paisagem encanta
Fica tudo destruído
Porque essas mãos criminosas
Nunca gostaram de rosas
Tanto trabalho perdido.

V

O ar que nós respiramos
Em plantas vivas encontramos
O que nos faz sobreviver
A força da natureza
Do homem grande riqueza
Que alguns deitam a perder.

VI

Os criminosos à solta
Alguns não sentem revolta
Conhecem bem os culpados
Encobrem os incendiários
Chegam fogo em sítios vários
E nunca são criminosos.

Um as verdades

I

Se temos mulher bonita
Não temos olhos para ela
O Homem tem esta dita
Qualquer outra é mais bela.

II

O ser humano é assim
Que lhe havemos de fazer
O que me acontece a mim
Olhar outra me dá prazer.

III

O olhar nos agrada
Se formos correspondidos
Vemos a mulher amada
Por ela ficamos perdidos.

IV

Se ela consente nosso olhar
Ficamos logo babadinhos
Custa-nos a ocultar
Adoramos seus carinhos.

V

Será que as nossas mulheres
Não dão o que têm para dar
Amor carinho o que quiseres
É só antes de casar.

VI

Enquanto dura o pão da boda
O amor lá aguenta
O amor é como uma roda
Quando tem furo rebenta.

VII

As mulheres são todas iguais
Nós homens não vemos assim
Nas outras vemos muito mais
Prazeres que não têm fim.

VIII

Os homens mais vadios são
Do que as mulheres afinal
Dão mais corda ao coração
Esquecem que são casal.

Amor de mãe

I

Ter mãe é a maior graça
Nem pela cabeça nos passa
A riqueza que é ter mãe
Só ela nos dá carinho
Adora o seu filhinho
Como não adora ninguém.

II

Alguns filhos não dão valor
A este imenso amor
Só a mãe nos pode dar
Só ela sabe sentir
Quantas vezes a sorrir
Com vontade de chorar.

III

Os filhos dos novos tempos
Esquecem-se por momentos
Dos conselhos da sua mãe
Todos os passos mal dados
Partem em muitos bocados
O coração que ela tem.

IV

O que a mãe pode fazer
Para o filho não sofrer
Ninguém pode calcular
Trabalha de noite e de dia
Cheia de amor e alegria
Para nada lhe faltar.

V

Quantos filhos neste mundo
Dormem um sono profundo
Sem força para acordar
O vício é a pouca sorte
Levam sua mãe à morte
Que já cansou de lutar.

VI

Filhos do nosso país
Não repareis quem o diz
Vosso amigo é alguém
Segui os bons caminhos
Aceitai todos os carinhos
Daquela que é vossa mãe.

VII

Dai-lhe o valor que merece
Àquela que vos enriquece
E vos dá tudo o que tem
Ao seguir caminhos errados
Lembraí sempre os recados
Que vos dá a vossa mãe.

VIII

Um grande beijo eu mando
Neste poema meditando
Mães e filhos de Portugal
Beijinhos para todas as mães
A maior riqueza que tens
Não deve haver outra igual.

Mundo livre

I

Poucos têm responsabilidade
Neste mundo de liberdade
Cada um faz o que quer
Se a justiça os condena
Ninguém vai cumprir a pena
Seja homem ou mulher.

II

Se são de tenra idade
Não respeitam a autoridade
Porque o sujeito é menor
Ninguém os pode deter
Muito menos lhe bater
Para a autoridade é pior.

III

Na vida do dia-a-dia
Abuso é democracia
Ainda agora começou
Está tudo a piorar
Os roubos são de arrasar
A que ponto se chegou.

IV

Perdeu-se todo o respeito
A toda a hora um sujeito
Estando em qualquer lado
Podemos ser mal tratados
Nem mesmo acautelados
Pouco serve ter cuidado.

V

O demónio anda à solta
Pouco nos serve a revolta
Não temos nada a fazer
Pedir a Deus que afaste
Essa gente e sua arte
Só ele nos pode valer.

O retrato que se vê

I

A mulher mais linda que vi
Nem é grande nem pequena
Eu não sei o que senti
Parece uma estrela de cinema.

II

Seu cabelo solto ao vento
Rosto lindo de magia
Vê-se que é mulher de talento
Cheia de amor e alegria.

III

Sua maneira de andar
Seus jeitos são um encanto
Fica preso o meu olhar
O que admiro tanto.

IV

O seu todo me encanta
Nunca vi coisa igual
Sua voz meiga e franca
Que me faz esquecer o mal.

V

É meiga e carinhosa
Tudo o que é bom ela tem
Seus olhos botões de rosa
Como nunca vi ninguém.

VI

Os seus lábios tão perfeitos
Dignos de um desejo matar
É a mulher sem defeitos
Que não me canso de olhar.

VII

A mais linda fotografia
Que já vi o meu olhar
Transformei em poesia
Com cuidado de rimar.

Violência nos casais

I

Há muitos homens rebeldes
Sem um pingo de consciência
Tratam as suas mulheres
Com a maior violência.

II

Algumas sofrem maus tratos
Com vergonha de denunciar
O sofrimento é diário
Não existe o verbo amar.

III

A mulher perde a razão
Ao calar-se dia a dia
Até corta o coração
Tão ausentes de alegria.

IV

Homens que parecem o sol
Mas deitam tudo a perder
São viciados no álcool
Fazem a família sofrer.

V

Mas nos tempos em que estamos
O divórcio é o caminho
Quando por ele enveredamos
Fica o homem pobrezinho.

VI

Chegar a um entendimento
Pode tudo resolver
Deve ser um sofrimento
Deitar anos a perder.

VII

Nos dias de hoje a mulher
Torna-se mais liberal
Sente que tem o poder
Não se deixa tratar mal.

VIII

Vou-vos pedir um favor
Juventude de Portugal
Se não sentirdes amor
O casamento é fatal.

IX

Se não estais apaixonados
Não penseis em casamento
Ides passar maus bocados
Mudai vosso pensamento.

X

Se à força quereis amar
É melhor perder o sentido
Se ela não vos quer encontrar
Isso é tempo perdido.

XI

Se quereis amar com descanso
Na cidade na vila ou na aldeia
Fazei de cordeiro manso
Mamais na mãe e na alheia.

XII

O homem tem a mania
Só ele ser o rei da casa
Sem mulher o que seria
Se ela batesse a asa.

XIII

Não é como o homem quer
Andar a trocar de amor
Estima a tua mulher
Podes mudar para pior.

O Castelo imaginário de Alfândega da Fé

I

O castelo existia
Há muitos anos atrás
Quem neste lugar vivia
Lembrar-se não é capaz.

II

Alguém viu em exposição
O nosso castelo em pintura
Na nossa vizinha nação
Mas ninguém foi à procura.

III

Os mouros nele habitavam
Portugueses enraivecidos
Quantas batalhas travaram
Os Mouros nunca vencidos.

IV

Uma lenda de pasmar
Até será verdadeira
Um túnel conseguiram cavar
Para atravessar a fronteira.

V

São os idosos quem o diz
Havia uma passagem
Quem queria sair do país
Ou fazer uma viagem.

VI

Por baixo deste castelo
A lenda está em pé
Esse túnel queria vê-lo
Em Alfândega da Fé.

VII

As Lutas continuavam
Portugueses perdiam a vida
Os Mouros não arredavam
Tanta batalha perdida.

VIII

Só as tropas de El-Rei
Conseguiram alargar o condado
Se perderam alguém não sei
O castelo foi desocupado.

IX

As suas muralhas tombaram
Com as bombas dos canhões
Os Mouros desocuparam
As nossas habitações.

X

Esta lenda se mantém
Quando a batalha se travava
Todo o pai e toda a mãe
Com fé à Virgem rezava.

XI

A vitória foi dos portugueses
Aos Mouros bateram o pé
Era Alfândega dos Burgueses
Hoje Alfândega da Fé.

XII

A torre do relógio erguida
Que resta desse castelo
Alfândega da Fé tem vida
Com este lugar tão belo.

Eu te canto minha terra

I

Alfândega da Fé princesa
Tens um reino sem igual
És a vila mais portuguesa
Mais linda de Portugal.

II

Esta vila ponto belo
Na paisagem e no brasão
As abelhas no castelo
A guardarem o seu pão.

III

Rainha das cerejeiras
Começando no alto das fontes
Enchem mercados e feiras
Exportadora de Trás-os-Montes.

IV

A Paisagem encantadora
Grande parte de oliveiras
É a terra prometedora
Capital das cerejeiras.

V

Na altura da cereja
Uma azáfama constante
São as mulheres à inveja
Ganhá-lo é importante.

VI

Chega a altura do calor
Custa tanto a suportar
A Barragem é o melhor
Para os campos refrescar.

VII

Eras a vila parada
Não se via estender
Cresceste sem dar por nada
Hoje és digna de se ver.

VIII

São tão lindas as avenidas
Com roseiras enfeitadas
Nas entradas e saídas
Avenidas bem preparadas.

IX

O Mercado Municipal
Grandioso sem fronteiras
Não deve haver outro igual
Para exposições e feiras.

X

Os Jardins e as rotundas
Um plano bem estudado
Esquecem mágoas profundas
O atraso do passado.

XI

Alfândega da Fé tão querida
Maravilha dos horizontes
Pedaco de céu caída
No centro de Trás-os-Montes.

XII

Continua em progresso
Acessos de todo lado
Não queremos o regresso
Desta vila ao passado.

XIII

Mas isso não acontece
Vamos ter fé no rifão
Esta vila bem merece
O estar em boa mão.

XIV

Para não voltar ao passado
Vila triste como dantes
Temos de ter muito cuidado
Na escolha dos governantes.

A vista do Miradouro

I

Que vista maravilhosa
Deste ponto podem querer
A aldeia de Ferradosa
Onde dá gosto viver.

II

Os Picões mesmo escondido
Gente boa e com amor
Têm um lanche preferido
São os peixes do Sabor.

III

Trás da serra da Gouveia
A Cabreira não se mostra
Tem ao lado outra aldeia
Gouveia de quem se gosta.

IV

Na baixa Sendim da Serra
De água é rica esta aldeia
Comem o fruto da terra
Junto à serra da Gouveia.

V

Pouco vemos de Cerejais
Terra de muita devoção
Tem um santuário sem rivais
O do Imaculado Coração.

VI

A Eucísia envergonhada
Trás do morro não se avista
Tem lá água regalada
Não há sede que resista.

VII

Aqui Valverde lindo povo
A fé é ato contínuo
Tem Fátima no adro
No alto o S. Bernardino.

VIII

Santa Justa é vaidosa
Não tem lá grandes miragens
Parece um botão de rosa
Ao pé de duas barragens.

IX

Senhora dos Anúncios no alto
Vilarelhos a contemplar
Aldeia sem sobressalto
Nossa Senhora por eles a velar.

X

Olhando mais à direita
Está a aldeia do Vilar
Alguma casa espreita
Aos pés a barragem a brilhar.

XI

Colmeais filho não esquecido
Com acesso até lá
Trás dos montes escondido
Povo amigo mais não há.

XII

Os Vales expostos na serra
Ao vento e ao temporal
Tem os produtos da terra
De água a principal.

XIII

Sambade mais agasalhado
Aldeia linda para ver
Na igreja têm cuidado
Património a não esquecer.

XIV

Covelas e Senhora das Neves
Caminhando de mão dada
Com suas vidas mais leves
Em direção à pousada.

XV

O Pombal que linda terra
Um cravo a desabrochar
Está no fundo da serra
Onde existe só bem-estar.

XVI

A Serra de Bornes à vista
Delicia o nosso olhar
Com os postes à conquista
De energia para nos dar.

XVII

Vila Nova a descansar
Aldeia sossegada e bonita
Como é lindo o teu lugar
Orgulho de quem te visita.

XVIII

Soeima rica em castanha
Que a Serra pode dar
Uma riqueza tamanha
Para todos sustentar.

XIX

Gebelim também existe
E vai longe o seu destino
Tem água como nunca viste
E o santuário de S. Bernardino.

XX

A vista deste lugar
Satisfaz o coração
Lá longe para admirar
Nossa Senhora da Assunção.

XXI

Admirando este Vale
De produtos é tesouro
Vilariça não tem rival
Acaba no rio Douro.

XXII

Tem azeitona e batata
Todo o fruto e bom vinho
Couves tomates à farta
Não há ninguém pobrezinho.

Visita maravilhosa

I

Televisão coisa tão querida
Todos podem desfrutar
Esquece os amargores da vida
Basta a televisão ligar.

II

Coisas para divertir
Com Júlio Isidro presente
Ele não deixa de sorrir
Para animar esta gente.

III

Júlio Isidro conhecido
Grande homem da televisão
A RTP1 tem servido
Com muita dedicação.

IV

Nos programas que ele faz
Transmite sua alegria
Porque só ele é capaz
De nos deliciar neste dia.

V

Sónia Araújo carinhosa
Seu sorriso encantador
Parece um botão de rosa
Colhido da mais linda flor.

VI

A RTP1 companheira
De Alfândega da Fé se lembrou
Foi de todas a primeira
Que a Portugal se mostrou.

VII

A Alfândega da Fé chegaram
A esta vila esquecida
Com o programa arrasaram
Esta terra tão querida.

VIII

Os artistas que trouxeram
Todos de alto gabarito
Alfândega da Fé vieram
A este lugar tão bonito.

IX

Visita maravilhosa
A Alfândega da Fé Portugal
A gente toda orgulhosa
Ver o Verão Total.

X

Voltem sempre é o que queremos
P'ra que o mundo tenha inveja
Das riquezas que nós temos
Azeite amêndoa e cereja.

XI

Temos ainda muito mais
P'ra dar e p'ra vender
São os produtos locais
Só vindo cá podem ver.

XII

Terra rica hospitaleira
Que dá gosto visitar
Em paisagem é a primeira
Delicia o nosso olhar.

XIII

Assim fiz este poema
Alfândega da Fé lembrei
Falar dela é o meu lema
Nos livros que editei.

XIV

À Câmara Municipal
Agradeço de coração
Trouxeram-me ao Verão Total
Bom programa da televisão.

Instituições escusadas

I

Há certas instituições
Que julgam ser os mandões
Só que não sabem mandar
Tudo o que Deus criou
No ser humano pensou
Como havia de o alimentar.

II

Então acabem com a caça
Que eles julgam ser desgraça
Com tanta gente envolvida
Há milhares de caçadores
P'ra mostrar os seus valores
Dão cabo de tantas vidas.

III

Acabem também com a pesca
Que de uma maneira modesta
Tantas famílias alimenta
Seja no rio ou no mar
Tanta gente a desfrutar
Só porque o peixe atormenta.

IV

Os criadores de borregos
Asseguram tantos empregos
Proíbam de os matar
Pensamentos sem valor
Desobedecem ao criador
Tudo que o fez foi p'ra nos dar.

V

São milhares de aviários
Que às vezes são contrários
Criam só para matar
Alimento da humanidade
Seja na vila ou na cidade
Seria o desemprego a aumentar.

VI

Vamos dar graças a Deus
Lembrou-se dos teus e dos meus
Pondo ao nosso dispor
Tanto animal selvagem
O doméstico à vossa margem
É fruto do seu amor.

VII

Vêm agora os defensores
Não sabem dar os valores
Ao que o Senhor nos concedeu
Por causa de homens assim
É que Jesus teve um fim
Às mãos de cruéis morreu.

VIII

Porque um touro é massacrado
Eu não considero pecado
É um prazer do nosso povo
Muitos que o touro vão proteger
Se Jesus voltasse a viver
Matá-lo-iam de novo.

O prazer

I

Fala-se muito em prazer
O que isso poderá ser
Eu desconhecia até
O prazer é o amor
E ver em toda a flor
Ter dentro de nós a fé.

II

O prazer é dar as mãos
Sentirmo-nos como irmãos
Dando apoio total
Pensar só em ser amigo
P'ra não receber o castigo
No julgamento final.

III

Ninguém julgue que o prazer
É só ser o que quiser
Se aproveitar finalmente
O prazer é muito mais
É sermos todos iguais
Para podermos ser gente.

IV

O prazer é não ter medo
Que alguém descubra o segredo
E ter muita paciência
O que melhor deves fazer
Para sentires prazer
E ter livre a consciência.

Em tempos que já lá vão

I

Duas bombas de água havia
Eram braçais quem diria
No campo de futebol
Os cântaros formavam bicha
Chovesse ou fizesse sol.

II

Como se podia viver
Sem a água a correr
Como agora nas torneiras
Para a roupa lavar
Até custa a acreditar
As mulheres iam para as ribeiras.

III

Lá iam canastra à cabeça
Como a cumprir promessa
Era um dia por semana
Lá iam de madrugada
Muitas vezes pela geada
Se a memória não me engana.

IV

Quando a noitinha chegava
Toda a mulher regressava
Com a roupinha lavada
Foi um dia cansativo
Agora por esse motivo
A mulher está descansada.

V

Vejam como muda a vida
A mulher sempre moída
Com tanto para fazer
Tinha um dia para lavar
Outro dia para passar
Mais um dia para o pão cozer.

VI

Se verificarmos bem
A vida da mulher mudou bem
Até foi emancipada
Pois além de ser mulher
Pode ser o que quiser
Até grande magistrada.

Não há floresta que pague uma vida

I

No meu tempo os incêndios
Eram melhores de domar
Estava tudo cultivado
Pouco havia para apagar.

II

Hoje há grandes florestas
Andam mal limpas talvez
E quando chega o verão
Os incêndios são como vês.

III

Tudo falta de cuidado
Ou maldade de mãos criminosas
São postos em liberdade
A justiça é um mar de rosas.

IV

Por isso senhor pastor
Para liberdade do seu gado
Veja tanto coração em dor
Por falta do seu cuidado.

V

Senhor caçador também
Para os coelhos matar
Veja a dor de tanta mãe
Era melhor nem caçar.

VI

Gasta-se tanto dinheiro
Para uma vida salvar
Vejam o pobre do bombeiro
Dá a vida sem nada ganhar.

VII

A floresta tem seu valor
É pena vê-la arder
Mas dar a vida por ela
Nunca pode acontecer.

VIII

Arriscar a vida sim
Para salvar outra vida
Quem cá fica é que sofre
Com uma dor desmedida.

IX

Apelo à proteção civil
Duma maneira modesta
Para não arderem casas
No meio da floresta.

X

A mata a quinhentos metros
No inverno ser desbastada
Os habitantes das casas
Têm a vida assegurada.

XI

Aqui fica o meu pesar
É triste esta partida
Bombeiros sempre a lutar
O seu lema é vida por vida.

Vida triste de uma mulher

I

Mas que grande desilusão
No dia em que nasceste
Estava longe teu coração
Daquilo que já sofreste.

II

Tua vida atribulada
Mas tu sem dares por ela
Trocaste tudo por nada
A vida deixou de ser bela.

III

Em criança já sonhavas
Na felicidade adolescente
Quantas vezes tu choravas
Com a pressa de ser gente.

IV

Hoje regressando ao passado
Uma alegria te resta
Os teus filhos teres criado
Além disso nada presta.

V

A pessoa que escolheste
Para te acompanhar na vida
Só mais tarde reconheceste
Que foi a esperança perdida.

VI

Agora desorientada
A mais infeliz das mulheres
Passas tantas noites acordada
A pensar no que não queres.

VII

Não deixes perder tua fé
Confia no teu Senhor
Está sempre de ti ao pé
P'ra te dar muito amor.

VIII

Confia no nosso Deus
No companheiro Jesus
Darão força aos órgãos teus
Para levar tua cruz.

IX

Não compares teu sofrimento
Ao sofrimento de Cristo
Vai esquecendo com o tempo
Pois está perto o imprevisto.

X

Sei que vives na fé do Senhor
Tudo que está a acontecer
Só ele com o seu amor
Te dará força para viver.

O mundo a piorar

I

O mundo dá tanta volta
Nada consegue melhorar
A incompreensão anda à solta
Qualquer um a pode usar.

II

Neste mundo que vivemos
Não se suporta maneira
Quanta paciência temos
Só por vermos tanta asneira.

III

Como a gente pode ser boa
No meio de tanta maldade
O respeito é à toa
Longe de haver amizade.

IV

Onde as coisas chegarão
Da maneira que isto vai
Com tão pouca compreensão
Sem respeito pelo pai.

V

Aqueles que podem mandar
O medo os atormenta
Já não podem atuar
Nesta sociedade violenta.

VI

Se uma pedra atiramos
Nem que seja para assustar
Com isso nada ganhamos
Centenas nos vão atirar.

VII

Nunca seremos irmãos
Nunca mais termina a dor
Enquanto não dermos as mãos
Unidos pelo amor.

VIII

Dar a mão é perdoar
Era essa a solução
Jesus iria gostar
E nos daria o perdão.

IX

Como dar volta a isto
Para tudo ir ao lugar
Nem conseguiu Jesus Cristo
Este mundo acalmar.

X

Não era isto que Jesus queria
Brincamos com seus sentimentos
Damos-lhe grande alegria
Seguindo seus mandamentos.

O Batismo de Jesus

I

A onze do mês de Janeiro
Bom Jesus foi batizado
O seu nascimento em primeiro
Que é tão comemorado.

II

Este batismo está esquecido
Muita gente cheia de fé
Até passa despercebido
Pois nem sabem quando é.

III

Este batismo era escusado
Mas quem estava presente
Era Jesus santificado
Dando exemplo a toda a gente.

IV

Quando Jesus se aproximou
Para o batismo receber
João Batista até corou
Isso não posso fazer.

V

Sou vosso servo e criado
Não vos posso batizar
Eu não estou preparado
Nem as sandálias vos apertar.

VI

Era um servo de Deus
A batizar no Rio Jordão
Era uma bênção dos céus
Que foi confiada a João.

VII

O Batismo de Jesus
Tem muito para dizer
Do Céu veio uma luz
Que fez a terra tremer.

VIII

Era o Espírito Santo
Estava ali representado
OuvIU-se uma voz de encanto
Este é o meu filho amado.

IX

João parou de hesitar
Porque Deus lhe dava o poder
De seu filho batizar
João Batista que prazer.

X

Só no dia do batizado
É que passamos a cristãos
Jesus nos recebe com cuidado
Com amor nas suas mãos.

Pecar

I

Meu Deus meu Pai
Meus pecados perdoai
Eu sei que sou pecador
O ser humano é assim
Há-de sê-lo até ao fim
Porque existe pouco amor.

II

Só vós meu bom Jesus
Nos podeis mostrar a Luz
Libertar-nos do pecado
Tirar-nos do sofrimento
Que se agrava com o tempo
Está tudo tão complicado.

III

Senhor vinde-nos socorrer
O mundo está-se a perder
Basta olhar à nossa volta
As guerras eram escusadas
Florestas incendiadas
Os criminosos à solta.

IV

A justiça do Senhor
É feita cheia de amor
Se cumprirmos os mandamentos
Torna-se mais leve a vida
Quando a fé não está perdida
São mais leves os sofrimentos.

V

Queríamos um mundo justo
Que nos afastasse do susto
Que a natureza nos mostra
São as tempestades e o calor
Os sismos cheios de terror
O que a Humanidade não gosta.

VI

Jesus ficamos à espera
Do reino da nova era
Que nos libertará da dor
Amar com o coração
Viver sem aflição
Só com o reino do Senhor.

Mês de maio

I

Mês de maio, mês das rosas
De pétalas preciosas
De perfumes pelo ar
São enfeites deste país
Para uma chegada feliz
Em maio nos quis visitar.

II

Essa visita quem seria?
A virgem Santa Maria
Rainha cheia de luz
A chegada que adoramos
Foi há cerca de cem anos
Que veio a mãe de Jesus.

III

Portugal foi escolhido
Pelo seu filho querido
Mandando a Virgem Maria
Em Fátima ela apareceu
Aquele rainha do céu
Veio à cova da Iria.

IV

As testemunhas reais
Os pastorinhos foi demais!
Surpresa nunca esperada
Como as crianças ficaram
Na hora que se encontraram
Com a Virgem adorada.

V

Arrepiou-se-lhe a pele
Às três crianças de mel
A Virgem lhe quis falar
Mereceram a confiança
Da rainha da esperança
Que lhes pediu para rezar.

VI

Que bom estar preparado
Para sentir a seu lado
Ser digno dessa visão
Encontrar a Mãe de Jesus
Aquela brilhante luz
O imaculado coração.

VII

Vamos todos preparar
O mais bonito lugar
Para a Virgem receber
Dentro do nosso coração
Limpar toda a corrosão
É o que a Senhora quer.

VIII

O mundo seria diferente
Assim seríamos gente
Com respeito entre nós
Encontraríamos Maria
Quer de noite quer de dia
Para nunca estarmos sós.

Natal

I

Nasceu Jesus
Do berço à cruz
Eu acredito
Em palhas deitado
Tão desprezado
Mas tão bonito.

II

Só a vaquinha
Tão boazinha
Lhe dá calor
O S. José
Que bom que é
Lhe dá amor.

III

A Virgem Santa
Toda se encanta
Com seu menino
Mal ela sabe
Que é um milagre
Já com destino.

IV

Mas quem me dera
Na primavera
P'ra que o menino
Tenha calor
E mais amor
Rosto tão fino.

V

Vós nos trazeis
Natal e Reis
Para mudar
Ó meu menino
O teu carinho
Faz-nos pensar.

VI

Vieste ao mundo
Quase me confundo
Meu salvador
Trazer a paz
Já tanto faz
Não há amor.

Fim

I

Agora vou perguntar
Se já leu e meditou
Acho que devia gostar
Desta obra que lhe dou.

II

Só que este livro agora
Tem poemas para cantar
A Juventude de outrora
Já os anda a ensaiar.

III

Não digo que vou parar
Eu já fiz tudo o que pude
Escrever poesia popular
Dou a vez à juventude.

IV

Agradeço a quem leu
Este livro aqui presente
O responsável sou eu
O júri é toda a gente.

“O vinho mata”
(Tragédia passada numa vila transmontana)

Dia 15 de Agosto tinham terminado as aulas. Os pais de Hugo e de Sandra tinham-lhes prometido que se eles não perdessem o ano iriam passar as férias no Porto, junto dos seus primos e tios.

Eram horas de almoço. Hugo e Sandra combinaram, no fim da refeição, falar aos seus pais no que lhes tinham prometido, pois o Hugo, com 15 anos, havia dispensado no 9º ano e a Sandra, com 14 anos, teve igual sucesso no 8º ano; eram bem merecidas essas férias.

Terminou a refeição e os dois moços entreolharam-se, pois era a altura mais própria para falarem do que mais lhes interessava.

Hugo – Pai, afinal quando vamos para férias?

Sandra – Não se esqueça do que prometeu!

Pai – Pois é meus filhos, vós bem sabeis que os tempos estão a correr mal, esta vida da lavoura está cada vez pior, mas como eu gosto de cumprir aquilo que prometo, não volto com a palavra atrás. Combinai lá o dia que é para a vossa mãe vos tratar das coisas.

Mãe – Oh, as coisas estão preparadas, eles que combinem o dia que querem ir, mas desde já vos aviso que se os vossos tios mandam alguma queixa de vós vindes imediatamente para casa.

Hugo – Não tenha medo mãe, que nós já não somos crianças nenhuma.

Sandra – Claro, nós já sabemos o que nos fica bem e o que nos fica mal, por isso podem ficar descansados.

Mãe – Vamos lá a ver se não nos deixais ficar em vergonha.

Três dias decorridos e os dois filhos, já com as malas feitas, despedem-se dos pais sorrindo alegremente, mas a mãe não se conseguiu despedir sem mostrar duas grandes lágrimas nos cantos dos seus olhos.

Chegou a noite, a Joana acabava de aprontar o jantar para ela e seu marido se sentarem à mesa, mas a mesa estava tão triste, só duas pessoas, nem a casa parecia a mesma. O Carlos começou a comer, mas a sua mulher não conseguiu começar.

Carlos – Vá mulher, porque não comes? Até devias estar contente.

Joana – Não consigo esquecer aqueles dois filhos que eram a alegria desta casa.

Carlos – Mas mulher, eles não morreram, pelo contrário, isto até vai dar que falar, nós, uma família que vive só do nosso trabalho e mandar assim os dois filhos passar as férias, é preciso ter coragem.

Joana – Cala-te homem, não seja tão vaidoso.

Carlos – Vaidoso, eu? Nada disso, tu é que estás para aí sem apetite e a mim hoje até me apetece comer e beber muito mais e, por sinal, o vinho da caneca está-se a acabar, por favor, vai à adega e traz-me mais vinho, que hoje havemos de festejar a nossa coragem, pois agora é que mostramos o quanto queremos aos nossos filhos, vai mulher, onde te mandei!

Joana levantou-se da mesa e lá foi bastante contrariada enquanto Carlos bebia mais do que comia.

Carlos – Já aí vens, mulher? Assim está bem, dá de beber ao teu marido que ele bem merece. E tu não comes? Pois devias comer, agora é que nós fazemos ver quem quer bem aos filhos.

Joana – Vá come e cala-te, até pareces um pregador, daqui a pouco os vizinhos vêm ver o que se passa nesta casa.

Carlos – Quais vizinhos, que vão todos para o raio que os parta, não preciso nada deles.

Joana – Ó homem, por favor baixa a voz, já não és tu que falas, é o vinho da caneca!

Carlos – O quê, estás a chamar-me bêbado? Olha que eu não admito isso a ninguém, porque aquele que mo chamar... tenho este revólver que carrega seis balas e sou capaz lhas espetar todas na pele a quem tiver a coragem de me chamar bêbado. Tu

sabes que eu por bem sou capaz de dar sangue do braço, mas por mal ninguém me leva, portanto vê lá se tens tininho nas palavras que dizes.

Joana já chateada de ouvir o marido e quase perdendo a paciência, levanta-se da mesa sem ainda ter comido nada, e sem pedir licença, segue em direção ao seu quarto.

Carlos – Mulher! Mulher! Tens de me ouvir.

Enquanto berrava, agarrava-se ao revólver que já estava em cima da mesa e apontando disparou dois tiros nas costas da esposa. Tiros fatais!!! A pobre Joana cai para não mais se levantar.

Os vizinhos já estavam há algum tempo a escutar aquela voz endiabrada, voz que, desde sempre, nunca se tinha ouvido naquela casa, eles estavam estranhando muito, mas desde que ouviram os tiros, não se contiveram e correram para a porta tentando arrombá-la, pois já se encontrava fechada e nessa altura ouvem uma voz que os deteve.

Carlos – Larguem-me a porta, larguem-me a porta. Se alguém tentar entrar dentro desta casa terá a mesma sorte que ela teve.

Os vizinhos ao ouvirem estas palavras não insistiram mais e foram chamar a guarda.

Neste entretanto, o Carlos ainda tentou levantar-se do lugar onde tinha jantado mas a bebedeira era tão grande que já não conseguiu e cruzando os braços sobre a mesa deixou cair a cabeça em cima deles, adormecendo em seguida.

Quando a G.N.R. chegou ninguém se aproximava da porta.

G.N.R. – Então vocês têm medo do homem?

Vizinhos – Pudera, ele já disse que nos fazia o mesmo se tentássemos entrar por essa porta...

G.N.R. – Nesse caso temos de ter cuidado. Prece que aquela janela está aberta. Arranjem uma escada que havemos de entrar por lá, mas com muito cuidado.

O guarda começou a subir as escadas com muita cautela, para não fazer barulho, não fosse o Carlos surpreendê-lo. Qual não

foi o seu espanto, ao poder espreitar pela janela, vendo a Joana estendida no chão e o assassino ressonando como um porco. Fez sinal ao seu colega para subir e pelos dois levaram o pobre Carlos. Quando os dois se aproximaram e lhe tocaram nas costas, parecia não mais acordar, depois de o terem abanado um par de vezes lá começou a levantar a cabeça.

Carlos – Que se passa? O que fazem aqui em minha casa?!

G.N.R. – Tem de nos acompanhar.

Carlos não se conseguia levantar, mas ajudado pelos dois homens da ordem, lá foi para o posto. E ali dormiu num divã que lá estava para casos como este, pois nessa noite de nada valia fazer-lhe perguntas.

Na manhã seguinte Carlos acordou quando bateram à porta daquele pequeno compartimento. Ao abrir os olhos estava a achar tudo estranho. Abre-se a porta e com espanto de Carlos, vê à sua frente o comandante do posto.

Comandante – Então, já esta melhorzinho?

Carlos – Mas eu não estive doente senhor comandante.

Comandante – Afinal o senhor não sabe o que fez ontem à noite?!

Carlos – Juro que não sei do que está a falar.

Comandante – Por que razão disparou dois tiros contra a sua mulher?

Carlos – Mas o senhor comandante está a brincar comigo?!!!

Comandante – Antes disso, mas infelizmente não é brincadeira nenhuma.

Carlos – Não pode ser, eu não teria coragem de matar fosse quem fosse quanto mais a minha mulher e da maneira como eu a amava nunca podia fazer uma coisa dessas.

Comandante – Nunca podia, mas fez.

Pessoas amigas telefonaram aos filhos de Carlos informando do que se estava a passar, não em dados concretos, mas mais ou menos o que tinha acontecido.

Aí as férias maravilhosas acabaram bem depressa e de uma maneira bem desagradável.

Os moços, ao receberem a triste notícia, não hesitaram em seguir imediatamente para a sua terra natal, acompanhados dos seus tios os quais lhes puseram logo o carro à sua disposição.

Dentro de poucas horas estavam a chegar à terra, onde os habitantes os esperavam ansiosamente.

Estas pobres crianças ao chegarem a sua casa a verem duas pessoas que mais amavam, uma num caixão, outra na prisão, faziam chorar todos os parentes com os seus prantos, mas uns prantos de pessoas crescidas, que diziam tudo quanto sofriam pela grande desgraça, da qual eles se julgavam culpados, mas toda aquela gente os tentava convencer de que tudo aquilo acontecera porque o destino já assim o tinha marcado.

No dia seguinte estes filhos muito amargurados, mas muito afetuosos, foram ver o pai tão querido na prisão. Quando lá chegaram foram dar com o pai aos murros com toda a força nas paredes, parecia um louco. Os moços, ao verem isto, dobrava-se-lhes a dor. Como se pode aguentar tanto?

O pai, ao aperceber-se de que tinha visitas, nem lhe passava pela cabeça que eram os filhos que ele tanto amava, tentou disfarçar todo o seu desespero, mas ao fixar as visitas e ao aperceber-se quem elas eram sentiu o terreno que pisava a descer, a descer, como se estivesse dentro de um pântano. Não tinha coragem para dizer nada.

Por fim, Hugo, depois de se recompor do grande choque de ver o pai naquele estado, perguntou-lhe:

Hugo - Pai, como fizeste tudo isto?!!

Carlos – Meus filhos, não fui eu que fiz, parece que o diabo tomou conta de mim, talvez a bebida?!

Sandra, entre soluços e lágrimas, não conseguiu dizer nada e assim se despede do pai, sem conseguir falar.

Os dias foram passando, dias amargos para aquelas duas crianças, assim como para aquele homem que vivia ali entre

quatro paredes, sem conforto de ninguém, odiando-se a si mesmo, assim como àquela maldita bebida que originou todo o sofrimento.

Chegou o dia do julgamento. O pobre Carlos lá foi levado pela G.N.R. para o tribunal, muito perturbado ainda, sem saber como esta tragédia acontecera. Ao entrar na sala de audiência reparou que as pessoas da terra se encontravam todas ali para o apoiar.

Os seus filhos, que ele tanto amava, também estavam lá banhados em lágrimas.

O Dr. Juiz entra na sala e todas as pessoas se levantaram.

Juiz – Podem sentar-se, declaro aberta a sessão. (Bate com o martelo na secretária).

Primeira testemunha de defesa.

Juiz – Jura, por sua honra, que vai dizer a verdade, só a verdade?

Testemunha 1 – Sim, juro por minha honra.

Juiz – Diga o que tem a alegar em defesa do Sr. Carlos?

Testemunha 1 – Eu só tenho a dizer bem do Sr. Carlos. Porque era uma pessoa que se dava bem com toda a gente nunca se me constou que ele fosse mal-educado para ninguém, era uma pessoa muito querida por toda a gente desta terra, ninguém sabe como ele fez uma coisa desta.

Segunda testemunha de defesa.

Juiz – Jura, por sua honra, que vem dizer a verdade só a verdade a este tribunal?

Testemunha 2 – Juro por minha honra que venho dizer a verdade.

Juiz – Então diga o que tem a alegar em defesa do Sr. Carlos.

Testemunha 2 – Eu só tenho a dizer maravilhas do Sr. Carlos. Foi sempre um homem exemplar desta terra, nunca pressenti a mais pequena inimizade com alguém, nem nunca me apercebi que se metesse na vida de outras pessoas, pelo contrário, estava sempre pronto a servir quem o ocupava.

Juiz – Sr. Carlos, um homem bom para toda a gente e como cometeu uma barbaridade destas?

Carlos – Sr. Juiz, eu não me lembro nada de tudo o que aconteceu, eu estava inconsciente, pois a bebida tomou conta de mim e não me lembro de nada.

Juiz – Está encerrada a sessão (batendo com o martelo na secretária).

As pessoas da terra estavam todas na audiência, por isso ninguém arredou pé sem ouvir a sentença, que passada uma hora foi finalmente lida.

Juiz – Apesar de este senhor ser um homem de bem e ser estimado por toda a gente da terra não posso deixar de o condenar, pois se analisarmos bem as coisas foi um crime que ele cometeu. Por isso, não posso deixar de o condenar, embora a uma pena mais leve. Chamo a atenção de todas as pessoas que gostam de se meter na bebida que sejam ponderadas e pensem nos males que podem vir a surgir. É pôr os olhos neste homem que, sendo um homem de bem, com o excesso de bebida fez o que fez. Atendendo ao empenho que todas as pessoas desta terra mostram em o ver livre, eu vou aplicar uma pena leve. Vou condenar o Sr. Carlos a três anos de prisão.

Juiz – Está encerrada a sessão. (Bate com o martelo na secretaria).

Passaram alguns dias até que a serenidade se começou a apoderar deste humilde transmuntano, que começou a pensar em escrever o que sentia por aquela mulher que ele tanto amava. Foi então que pediu a alguém que o visitou para lhe comprar um bloco e uma esferográfica e assim, com grande tendência poética se começou a lamentar, escrevendo os seus lamentos.

Durante dois anos escreveu muitos versos para desabafar o que o afligia mais. Desses poemas conseguimos apurar dois, os quais dizem bem quanto Carlos adorava Joana.

O primeiro tem por título, *Como se pode amar tanto* e o segundo, *Horas amargas*.

Como se pode amar tanto

Ó minha Joana querida
Tu sabes que eu dava a vida
P`ra nesta hora te ver
Pois só o meu sofrimento
Que eu sinto a todo momento
É razão para morrer.

II

Decerto que estás no céu
Que má sina Deus me deu
Para te perder assim
Quero pedir-te um favor
Mas escuta meu amor
Não te zanges para mim.

III

O favor que eu te peço
Nem às paredes confesso
Só a ti me declaro
Leva-me p`ro pé de ti
Estou tão sozinho aqui
Leva este amor tão raro.

IV

Será que me estás ouvindo
Eu estou sorrindo
Por te julgar a meu lado
Só peço a Deus que me leve
Meu coração não se atreve
A pensar no passado.

Horas Amargas

Já não me interessa morrer
Como se pode Viver
Odiando o coração
Ao lembrar-me desta querida
Apetece-me estar toda a vida
Sofrendo na prisão.

II

Se eu pudesse construir
Para daqui não fugir
Um muro bem aprumado
Ou cortar o pensamento
Para mo levar o vento
Não lembrar mais o passado.

III

Olhando a vida de frente
Ó meu Deus estou contente
Por sofrer desta maneira
Em cada dia que passa
Minha dor é a desgraça
Castigando a vida inteira.

IV

Se é por vontade de Deus
Que eu sofro e sofrem os meus
Mostrai-me o meu caminho
Nem que sejam rochedos
Ou que sejam toledos
Quero caminhar sozinho.

Passados dois anos de cárcere escreveu este último poema e ao acabar de o reler entre soluços e dor partiu para junto de Deus. Sim, para junto de Deus, porque depois deste sofrimento só havia um caminho a seguir...

Agradecimentos

A todo o Município agradeço
Levarem minha obra p'ra frente
Certo que deram apreço
Em especial a Sr.^a Presidente

Ao senhor Luís Azevedo
Eu quero agradecer
Que me ajudou sem ter medo
Pro meu livro sobreviver

Á Senhora Dr.^a Ana
Um bem-haja quero dar
Seu coração não engana
Gosta muito de ajudar

O Sérgio foi incansável
Mostrou que é bom rapaz
Só ele foi o responsável
Mostrou do que é capaz

Dr. José Lopes concluiu
A este livro deu vida
Quando o contactei sorriu
Não foi uma esperança perdida

Se alguém me ajudou
E não está aqui mencionado
Só peço que me perdoe
Desde já muito obrigado

António Manuel Couraceiro nasceu em 1945, na vila de Alfândega da Fé, onde reside. É casado e estimado pelos habitantes deste concelho.

Inscreeveu-se como bombeiro voluntário aos 18 anos, em 1963, e foi bombeiro de 3^a, 2^a e 1^a classe até chegar a subchefe, sendo posteriormente nomeado chefe dos Bombeiros, onde zelou o cargo que lhe foi confiado. Neste momento passou ao quadro de honra.

Também fez parte, durante 10 anos, da Banda dos Bombeiros de Alfândega da Fé. E neste momento integra o Grupo de Cantares de Alfândega da Fé.

Foi cobrador de uma empresa de transportes de passageiros e funcionário numa das bombas de combustível desta localidade.

Este alfandeguense começou a escrever os seus primeiros versos ainda na adolescência, possuiu apenas a antiga 4.^a classe e é conhecido pela sua veia poética, arte que faz dele um dos maiores poetas populares deste concelho.

Reformado, mas sempre ativo, não parou de trabalhar, nem na poesia, nem nos sonhos. Encarrega-se hoje de um casal que herdou dos seus pais e que agora é dele e do seu irmão, o que o mantém sempre ocupado.

Índice

Prefácio	5
Nota de edição	9
Introdução	11
Homenagem ao comandante Jeremias	12
Ouve o teu padrinho	14
Jovens parai para pensar	16
Trabalho	18
A Juventude de agora	20
Podes ser o que sonhaste	22
A primavera da vida	24
Mãos criminosas	26
Umas verdades	28
Amor de mãe	30
Mundo livre	32
O retrato que se vê	34
Violência nos casais	36
O Castelo imaginário de Alfândega da Fé	39
Eu te canto minha terra	42
A vista do Miradouro	45
Visita maravilhosa	50
Instituições escusadas	53
O prazer	55
Em tempos que já lá vão	56
Não há floresta que pague uma vida	58
Vida triste de uma mulher	61
O mundo a piorar	63
O Batismo de Jesus	65
Pecar	67
Mês de Maio	69
Natal	71
Fim	73
O vinho mata	75
Agradecimentos	85

Uma edição do Município de



Escrevo para vós

Autor: **António Manuel Couraceiro**
Edição: Município de Alfândega da Fé
Julho de 2015
Depósito Legal: 394737/15

**Produção gráfica
Produção Independente**

Av. Infante D. Henrique
Edif. Translande, lj 41
5340-204 - Macedo de Cavaleiros
278106420 | geral@poetica-livros.com
poetica-livros.com/loja
producaoindependenteedicoes.blogspot.com

Impressão e acabamento:

Várzea da Rainha Impressores, S. A.
Rua Empresarial nº 19
Zona Industrial da Ponte Seca
2510-752 Gaeiras – Óbidos
Telef.: +351 262 098 008
Fax: +351 262 098 582
www.varzeadarainha.pt

